

O ORÁCULO

Linguagem do sábio; afirmativa um tanto mística utilizada para transmitir um ensinamento superior, de origem sacra, falariam sobre a inspiração divina, de modo afirmativo. Duas formas de filosofia é identificada nos Filósofos anteriores a Platão, a semelhança ou a inspiração.

Por semelhança: é a forma de filosofar por enigmas sibilinos, de duplo sentido, encontrada em Heraclito, denominado “ O obscuro”, devido aos aforismos sibilinos, de duplo sentido, que escreveu.

Por inspiração: é a forma de filosofar por inspiração dos deuses, assim Parmênides, que compôs o seu famoso escrito sobre ser e o não-ser com estilete de poeta (os gregos ainda não usavam caneta e nem escreviam sobre papel), em versos hexâmetros, a deusa da verdade inspirara-lhe a distinção entre ser e não-ser, formulada com base no saber ancestral.

O ATO DE FILOSOFAR

O ato de filosofar é a linguagem interrogativa e contraditória, desdobrada em pergunta e resposta, que não é mais a linguagem do sábio, por que já é o filósofo. A primeira identidade de filósofo como filósofo, que interroga perguntando O QUE É – o que é a natureza, o que é o conhecimento, o que é a virtude, o que é a justiça – é conquistada perante o outro, como dialogante. Pois, ao interrogar, está voltado para o conhecimento alheio, à espera de que este aprove ou conteste.

O SURGIMENTO DO DIALOGO PLATÔNICO

Dizia Platão: “O PENSAMENTO é uma convenção que a alma mantém consigo mesma sobre aquilo que é eventualmente objeto de exame.”

Quando a alma conversa consigo mesma é também com o outro em mim que ela conversa.

Disputo comigo mesmo, abro de mim para mim uma contenda, e então a conversa vira controvérsia. Mas se o outro está fora, e reconheço-o como meu opositor, aquele que, interrogando o mesmo que interrogo, nega o que afirmo ou me contradiz, a controvérsia se faz discussão, e a discussão, troca de discursos opostos, chamado de argumento.

Discussão: é o ato de diálogo de opiniões opostas.

ARGUMENTO: é o ato de troca de discurso opostos, pois reconheço como leitor o conhecimento do outro que está fora negando ou aceitando, para meu entendimento.

Uma luta verbal compartilhada por um mínimo de dois contendores, a caminho de um possível *entendimento* comum-, se faz dialogação, conflitiva pendência sempre renovável, que a cada passo renasce do antagonismo das oposições ou da própria dificuldade da matéria discutida.

Por isso, a Filosofia precisou, para nascer, em correspondência com essa primeira identidade do Filósofo, da “intervenção de uma nova forma literária”, que foi o diálogo platônico.

Platão abdica a poesia, tornando-se discípulo de Sócrates, o pai do exercício de conceituação, a *maiêutica* (parturição das ideias), treino cotidiano do filósofo, que fundamenta a relação opositiva, de luta, entre os contendores do diálogo, a caminho do confronto armados sobre conceituação preliminar até se chegar, mediante retificações sucessivas, a um conceito onde se detêm, a discussão, pelo seu curso e pelo seu resultado, toma o nome a dialética, palavra afim a diálogo e a lógica, por sua vez derivada de *logos*.

MANEIRA DE WITTGENSTEIN

Ao dialogar, os que **discutem travam uma espécie de jogo de linguagem, que como todo jogo tem as suas próprias regras**. Ao discutir, os contendores já aplicam regras lógicas, sobre as quais se puseram de acordo, e que os autorizam a armar conceituações e aceitar conclusões do raciocínio. Ao acordo chamaria de *razão* e ao entendimento comum, mesmo que não seja definitivo ou final, chamaria de *verdade*. A verdade e razão são as palavras que mais frequentemente se inscrevem na carta de identidade do filósofo, já configurada pela dialogação. DIALOGAÇÃO E DIÁLOGO SE UNEM SEM CONFUNDIR-SE.

O DIÁLOGO

Diferença Diálogo X Dialogação

O **diálogo** é a forma literária, escrita; fixa-o numa forma, que traça, graças à convenção, estabilizada no drama, da alternância entre falas de dois ou mais personagens, imitados pelo autor e dele completamente distintos.

A **dialogação** é o estar um diante do outro da conversa daqueles que se interrogam, confrontados entre si mesmos e ao mundo, a moralidade do pensamento em situação. Também, é o inquieto movimento do pensar vivido. Depende da maiêutica.

O Caminho (método para os gregos) nesse caso a dialética,

A **dialética** no sentido antes estabelecido, e que liga pergunta e resposta, interrogação e conclusão, não apenas por força das regras lógicas, mas também pela intercorrência de procedimentos retóricos, jamais ausentes, que visam mais a persuadir do que a convencer, e de qualidade poéticas, próprias da escrita.

O ENSINAMENTO

O diálogo conserva o curso da dialogação, dependendo da maiêutica, põe, no começo, os contendores ocupando posições distintas, uns **Mestres** que ensinam, outros como **Discípulos** que deles aprendem.

Confusão: hoje tendemos a embaralhar essas posições, confundindo a relação entre Mestre e Discípulo com o nexos que Hegel estabeleceu entre Senhor e Escravo.

Verdade: Mas o que se passa na meiética, um procedimento oral de pergunta e resposta, inventado por quem foi, como Sócrates, que nada escreveu, um pensamento de voz e não de texto?

Ela manifesta A PRETENSÃO de nada ensinar a não ser o **princípio de que qualquer um só pode aprender pelos seus próprios meios.** O professor é como a

parteira da imagem socrática: ele ajuda a partejar a ideia, a fazer nascer a conceituação no Discípulo, que só vem à luz quando, auxiliado pelo professor, pelo Mestre, seu oponente, o Discípulo a retira de seu espírito – como se diria Sócrates recorresse a uma lembrança – à custa de um esforço intelectual próprio, que o antagonista estimula e por obra do qual descobre por si mesmo o caminho da verdade, de que o Mestre não tem a posse. Se tivesse, o Mestre estaria para o Discípulo assim como o Senhor está para o Escravo a quem domina.

Dessa forma, ensinar Filosofia não é professar uma doutrina determinada, mas, conforme o velho Kant, ensinar a filosofar, o que significa **transmitir a aptidão** de pensar a razão ou o fundamento de qualquer concepção, doutrina ou sistema. Só se transmite essa aptidão a outrem se também se é capaz de aprender dele – do que afirma ou refuta com o auxílio de bons argumentos.

O ENTENDIMENTO

O entendimento é comum, compartilhado, ou a razão perde a sua autoridade, e a verdade, professada pelo filósofo, decai para o estado de aceitação autoritária, instrumentando o poder de quem a professa.

CONCLUSÃO

Forçoso é concluir, portanto, que a meiética alterna as posições do Mestre e do Discípulo, distintas e antagônicas no começo da dialogação, até que Mestre e Discípulo possam caminhar juntos, num *symphilosophieren*, num filosofar em comum, quando

quem ensina também aprende e quem aprende

ensina. Portanto, o diálogo como forma literária, que reincorpora a dialogação na dialética, conforma a conaturalidade entre ensino e Filosofia.

(pg. 161 à 163)

